

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO A DISTÂNCIA ESPECIALIZAÇÃO
LATO-SENSU EM GESTÃO EDUCACIONAL**

**O REENCANTAMENTO DO ALUNO PELA ESCOLA:
O PAPEL DO GESTOR ESCOLAR E DAS RELAÇÕES
AFETIVAS NESSE PROCESSO**

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

Claudete Garbin Giacomoni

**Constantina, RS, Brasil
2011**

O REENCANTAMENTO DO ALUNO PELA ESCOLA: O PAPEL DO GESTOR ESCOLAR E DAS RELAÇÕES AFETIVAS NESSE PROCESSO

Claudete Garbin Giacconi

Monografia apresentada ao Curso de Pós-Graduação a Distância
Especialização *Lato-Sensu* em Gestão Educacional, da Universidade
Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para
obtenção do título de
Especialista em Gestão Educacional

Orientadora: Prof^a Elaine Maria Dias de Oliveira

**Constantina, RS, Brasil
2011**

**Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Educação
Curso de Pós-Graduação a Distância Especialização *Lato-Sensu*
em Gestão Educacional**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,
aprova a Monografia de Especialização

**O REENCANTAMENTO DO ALUNO PELA ESCOLA: O PAPEL DO
GESTOR ESCOLAR E DAS RELAÇÕES AFETIVAS NESSE
PROCESSO**

elaborada por
Claudete Garbin Giacomoni

como requisito parcial para obtenção do grau de
Especialista em Gestão Educacional

COMISSÃO EXAMINADORA:

Elaine Maria dias de Oliveira, Ms (UFSM).
(Presidente/Orientador)

Ana Paula da Rosa Cristino , Ms. (UFSM)

Leonardo Germano Krüger , Ms. (UFSM)

Constantina, 16 de setembro de 2011.

DEDICATÓRIA

Dedico ao meu esposo e a minha filha, que sempre estiveram ao meu lado, sendo excelentes ouvintes, foi o apoio e a compressão de que necessitei para a realização deste trabalho A vocês Antônio e Amanda, companheiros, esposo e filha, meu amor e reconhecimento.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter concebido forças e persistência para a execução deste trabalho.

Aos familiares, pela compreensão e apoio em todos os momentos;

Aos professores – educadores do curso, pela competência de mestre, pelo carinho e apoio indispensáveis para a conclusão deste trabalho.

Gostaria de deixar aqui registrados os meus afetuosos agradecimentos a todos aqueles que fazem parte de minha vida e que tornaram possível a realização deste curso.

MUITO OBRIGADO!

RESUMO

Monografia de Especialização
Curso de Pós-Graduação a Distância Especialização *Lato-Sensu* em Gestão
Educativa
Universidade Federal de Santa Maria

O REENCANTAMENTO DO ALUNO PELA ESCOLA: O PAPEL DO GESTOR ESCOLAR E DAS RELAÇÕES AFETIVAS NESSE PROCESSO

AUTORA: CLAUDETE GARBIN GIACOMOLLI

ORIENTADORA: PROF^a. ELAINE MARIA DIAS DE OLIVEIRA

Data e Local da Defesa: Constantina/RS, 16 de setembro de 2011.

O presente trabalho é resultado de uma pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo que buscou discutir os motivos que levam as crianças e os adolescentes, inicialmente encantados com a escola a perderem esse encantamento e, se o gestor escolar pode fazer algo para minimizar esse problema. Na tentativa de responder ao problema de pesquisa traçamos, entre outros, como objetivo geral: analisar até que ponto as relações afetivas podem contribuir para a superação das dificuldades de aprendizagem e do fracasso escolar levando aos alunos a se reencantarem pela escola, bem como, o papel do gestor escolar nessa empreitada; O referido trabalho permitiu-nos detectar algumas causas que levam ao fracasso escolar, bem como, levantar elementos que permite fazer uma avaliação do que leva ao desencanto pela escola. Permitiu-nos, também, reconhecer a importância da afetividade e da autoestima no estabelecimento do vínculo afetivo e, como meio para facilitar aprendizagem, motivação, disciplina, autocontrole e, o bem estar do adolescente e da criança na escola. Pois, aluno com autoestima baixa dificilmente enfrentará os aspectos mais desfavoráveis do processo de aprendizagem. Quando há autoestima positiva se tornam mais ativos, fazem amizades, tem senso de humor, participam de discussões e projetos, lidam melhor com o erro, sentem orgulho por contribuir; são felizes, confiantes, alegres e criativos. Quando isso acontece amam a escola, e continuam a nutrir grande apreço por ela. O gestor tem papel fundamental ao incentivar ações que estimulem a superação fracasso escolar e, a elevar a autoestima dos educandos de forma a mantê-los encantados pela escola.

Palavras-chave: Afetividade. Aprendizagem. Gestão. Escolar.

ABSTRACT

Specialization Monograph
Distance Post gradation Course Lato-Sensu Specialization on School Management
Universidade Federal de Santa Maria

THE REENCHANTMENT OF THE STUDENT BY THE SCHOOL: THE ROLE OF THE SCHOOL MANAGER AND THE AFFECTIVE RELATION IN THIS PROCESS

AUTHOR : CLAUDETE GARBIN GIACOMONI

ADVISOR: ELAINE MARIA DIAS DE OLIVEIRA

Date and Place of Defense: Constantina/RS, 16 September, 2011

The present work is the result of a bibliographical research of qualitative nature that tries to discuss the motives that lead the children and adolescents, initially enchanted by the school, to lose this enchantment and if the school manager can do something to minimize this problem. On trying to solve this problem we traced as a general aim: analyzing to which extent the affective relations can contribute to the surpassing of the difficulties of learning and the school failure leading the students to get re-enchanted by the school as well as the role of the manager in this process. The present work allowed us to detect some causes that lead to the school failure, as well as to raise elements that allow us to evaluate of what leads to the disenchantment by the school. It also allowed us to recognize the importance of the affection and the self-esteem in the affective bond and as a way to make the learning easier, motivation, discipline, self-control and the well being of the teenager and the child at school. A student with low self-esteem will hardly face the more favorable aspects of the learning process. When there is self-esteem they become more active, make friends, have sense of humor, take part in the discussion and projects, deal better with the mistakes, feel proud to contribute, are happy, confident and creative. When that happens they love the school and keep having a great love for it. The manager has a fundamental role when he incentives actions that stimulate the surpassing the school failure and to raise the self-esteem of the students in a way that keeps them enchanted by the school.

Key words: Affection. Learning. School. Management.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1.1 Objetivo Geral	10
1.2 Objetivos Específicos	11
1.3 Justificativa	11
1.4 Metodologia de Pesquisa.....	12
CAPÍTULO I GESTOR ESCOLAR E GESTÃO EDUCACIONAL NA ESCOLA	15
1.1 O papel do Gestor Escolar e da Gestão Educacional na escola	15
1.2 Desenvolvimento de valores e da afetividade na escola.....	19
1.3 Sucesso na Aprendizagem - um desafio para professores e gestores das escolas	21
1.4 Fracassos escolares e o desencanto pela escola	24
CAPÍTULO II AS RELAÇÕES AFETIVAS NA ESCOLA COMO FATOR DE ENCANTAMENTO OU DE DESENCANTAMENTO PELA ESCOLA	30
2.1 As relações afetivas na escola	30
2.2 A Escola como fator de desencantamento	31
2.3 Encontros e desencontros de ser professor	35
CAPÍTULO III A INFLUÊNCIA DA AFETIVIDADE NA AUTOESTIMA	39
3.1 A influência da afetividade na autoestima.....	39
3.2 O vínculo afetivo e autoestima na escola	40
CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
REFERÊNCIAS	49

INTRODUÇÃO

O presente trabalho é resultado de um projeto de pesquisa que buscou discutir os fatores que levam os alunos a se desencantarem pela escola. Observando as escolas, em especial, as escolas de Ensino Fundamental nos perguntamos: Que motivos levam as crianças e os adolescentes, inicialmente encantados com a escola a perderem esse encantamento? Será que o gestor escolar pode fazer alguma coisa para minimizar esse problema?

Ao pensar sobre o desencantamento dos alunos pela escola, somos levados a pensar que há vários motivos para que isso aconteça. Entre estes podemos destacar: dificuldades de aprendizagem e o fracasso escolar são fatores relevantes na desmotivação da criança e do jovem pela escola e da conseqüente baixa autoestima. Outro elemento que pensamos ser proeminente é a questão da afetividade na escola. A escola onde não se cultive o diálogo e, onde os vínculos positivos não estiverem presentes, possivelmente, leve a desmotivação, ao desinteresse por parte da criança.

Pensando dessa forma, passamos a questionar: Será que a baixa autoestima e a desmotivação de muitos professores pode afetar a produção do aluno? Será que pode comprometer o nível da aprendizagem das crianças? Como a postura do professor, a metodologia que usa e a forma como se relaciona com os alunos pode interferir no sucesso ou no fracasso do aluno na escola?

Ainda que venhamos a reconhecer a influência do vínculo afetivo do aluno para seu sucesso na escola, faz-se necessário esclarecer que o vínculo pode e deve ser estabelecido com todos os seguimentos da escola. O aluno precisa relacionar-se bem com o professor, com os demais alunos, com o gestor escolar para gostar da escola, para amá-la e para que não se desencante com a escola.

Ao perceber a importância da afetividade do educador com crianças do Ensino Fundamental precisamos analisar suas conseqüências no desenvolvimento infantil e da adolescência, destacando que as crianças fazem uso privado da afetividade docente no ambiente escolar. Constantemente eles estão disputando a atenção e o carinho do professor, por esse motivo o professor precisa evitar a competição por sua atenção. Além disso, ele precisa identificar os benefícios, quanto

o desenvolvimento integral do educando de um ambiente escolar que favorece a afetividade.

Determinando-se pela problemática, de que maneira as relações afetivas dos docentes podem contribuir para o desenvolvimento de crianças e adolescentes do Ensino Fundamental. O estudo segue sua linha de considerações propondo-se a contribuir com a educação em seu mais elevado grau. Atualmente, o estudo sobre afetividade e cognição tem se apresentado como ponto fundamental no interesse de estudiosos de diferentes áreas. As pesquisas sobre afetividade sob muitos aspectos têm como objetivo máximo identificar o seu emprego nos modelos pelos quais ela se apresenta.

Mediante a pesquisa é coerente afirmar que a escola é um ambiente capaz de acrescentar muito a uma criança e aos jovens. Muitos aspectos positivos ou negativos podem ser levados ao longo de sua vida acadêmica decorrente de acontecimentos vivenciados na mesma. A fim de exercer a função de auxiliar no processo de formação de um educando a escola deve inquestionavelmente oferecer um ambiente favorável não só a formação intelectual, mas ainda a formação pessoal e cidadã do discente.

Quando regida por atitudes de afetividade a relação existente entre professor e aluno é passível de despertar e contribuir de forma incisiva no processo de ensinar e de aprender, proporcionando incontestáveis oportunidades ao desempenho intelectual, pessoal e social. A criança, assim como qualquer outro ser humano, necessita impreterivelmente sentir-se amada, respeitada e valorizada, pois durante o processo de ensino, apresenta comportamentos que traduzem seus sentimentos e emoções. Assim sendo, quando em contato com relações de afetividade terá maiores chances de crescimento integral.

Ao propor este projeto acreditamos estar contribuindo para elucidar alguns pontos relativos à problemática em questão, bem como, despertar a conscientização dos educadores para os pressupostos teórico-metodológicos vigentes na escola atual, e que não contribuem para o sucesso do aluno na escola.

Assim, buscamos embasamento teórico e conhecimentos, que pudessem enriquecer a nossa prática de educadores, frente às novas exigências educacionais; redefinir/escancarar nosso comprometimento político-pedagógico na luta por justiça, inclusão social e igualdade, tentando incitar os colegas docentes a verem-se como

agentes transformadores da ordem social estabelecida: tornado possível à socialização de tais conhecimentos em todos os espaços por onde perpassem a presente pesquisa, abrindo assim caminho para as novas investigações e para a construção de uma escola de qualidade.

A análise e compreensão do contexto referem-se à relação da própria criança com a aprendizagem (vínculo positivo/negativo), a sua modalidade de aprendizagem, a dinâmica da família a qual pertence e a instituição escolar que se encarrega de seu processo de aprendizagem sistematizado.

À instituição escolar cabe trabalhar com o processo de aprendizagem, desenvolvendo habilidades de raciocínio lógico, solução de problemas, apropriação de conhecimentos vitais ao indivíduo e a coletividade, enfim, preparar o sujeito para e na vida. Isso deve ocorrer baseado nos saberes passíveis de adaptação e atualização que as incertezas provocam. Ou seja, trabalhar com o “como pensar” e não o “que pensar”.

Torna-se difícil, num primeiro momento, citar os aspectos que podem se efetivar como entraves a aprendizagem e à participação das crianças; pois, como cada processo é individual (do ponto de vista do aluno), também será bastante particular a cada grupo (do ponto de vista da instituição).

O fracasso escolar é hoje um grande problema para o sistema educacional. Muitas vezes, para se livrar da responsabilidade deste fracasso, busca-se um culpado; alguém que possa assumir sozinho esta situação. Vem questionar atitude e propõe discutir o fracasso escolar a partir de outras variáveis que também influenciam no processo de aprendizagem. A partir disso, procura-se pensar no papel do gestor com relação ao fracasso escolar. A atuação deste profissional pode servir tanto para determinar “o culpado” que se procura, ou seja, patologizar o aprendente, quanto para ampliar este foco, buscando outras variáveis que influenciam no processo de aprendizagem.

1.1 Objetivo Geral

Analisar se as relações afetivas podem contribuir para a superação das dificuldades de aprendizagem e o fracasso escolar levando aos alunos a se reencantarem pela escola, bem como o papel do gestor escolar nessa empreitada.

1.2 Objetivos Específicos

- Discutir possíveis motivos pelos quais a maioria dos alunos perdeu o encantamento pela escola e, quais as consequências dessa perda.
- Analisar as dificuldades de aprendizagem e o fracasso escolar como fatores que levam ao desencantamento do aluno pela escola.
- Verificar como a afetividade e as relações afetivas podem contribuir para a superação das dificuldades de aprendizagem e o fracasso escolar.
- Discutir o papel do gestor na promoção da afetividade e das relações afetivas na escola, bem como, na superação das dificuldades aprendizagem e do fracasso escolar e do reencantamento aluno pela escola.

1.3 Justificativa

As ciências da Educação e a Psicologia têm dado uma progressiva atenção aos estudos da afetividade na formação da auto-estima dos alunos. Neste texto, pretendo discutir de que forma a relação afetiva entre professor e aluno pode ajudar os alunos a desenvolverem atitudes e pensamentos positivos que estariam contribuindo na sua auto-estima, através da valorização deste relacionamento em sala de aula. Falar em afetividade e autoestima é acreditar em uma educação com relevância social e, logo, em uma escola construída a partir de respeito, compreensão e autonomia de idéias. Uma vez que se pretende formar cidadãos honestos responsáveis, a formação da autoestima é fundamental para qualquer indivíduo.

A relevância do tema está em levantar uma questão que parece começar a incomodar alguns profissionais da área educacional. Portanto, é de fundamental importância abordar que ação pedagógica deve nortear a relação afetiva que influenciará diretamente na autoestima do aluno, tendo em vista diferenças individuais e comportamentais inerentes ao ser humano. Para Tiba (1999) a auto-estima “É o sentimento que faz com que a pessoa goste de si mesma”. Aprecie o que faz e aprove suas atitudes. Trata-se de um dos mais importantes ingredientes do nosso comportamento” (TIBA, 1999, p.157).

Ao lidar com os problemas da educação nos dias de hoje, os especialistas afirmam que devem concentrar-se em um processo essencial: o estímulo e o reforço da auto-estima das crianças, pois os estudos avaliam que a importância da auto-estima no bom desenvolvimento das crianças prolifera nos países desenvolvidos, onde os problemas básicos já foram resolvidos e é possível se concentrar nas angústias da alma. A autoestima é, numa abordagem simplificada, o que a pessoa sente em relação a si mesma. Quando positiva, significa que a pessoa tem uma boa imagem de si, acredita que os outros gostam dela e confiam em sua habilidade de lidar com desafios. Quando negativa, acha que não merece o amor de ninguém, não acredita em seu potencial, que não é capaz, e considera que não sabe fazer nada direito.

Na escola diante de diferentes profissionais o professor é que tem mais contato com a criança dentro do espaço educacional. Por isso, torna-se o referencial para a construção da personalidade da criança e da sua auto-imagem, no sentido de oferecer atenção devida ao seu desempenho escolar, fazendo com que o amor-próprio seja solidificado, pois faz parte do processo de aprendizagem de vida e é o sentimento obrigatório em uma existência satisfatória.

A família também desempenha um papel fundamental na formação da autoestima, e é, em muitos casos, o primeiro grupo social que as crianças têm contato. Vale ressaltar que existem outras construções familiares que não são tradicionalmente pai, mãe e filhos, porém a afetividade é um fator fundamental na relação com as pessoas que estão envolvidas com o desenvolvimento integral da criança.

1.4 Metodologia de Pesquisa

A pesquisa foi desenvolvida com base numa abordagem qualitativa do tipo pesquisa bibliográfica. Segundo Chizzotti (2001, p. 79).

Abordagem qualitativa parte do fundamento de que há relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito. O objeto não é um dado inerte e neutro; está possuído de significados e relações que sujeitos concretos criam em suas ações (CHIZZOTTI, 2001, p.79).

Enquanto que a pesquisa bibliográfica é entendida por Prodanov e Freitas (2009), como a que é elaborada a partir de material já publicado, constituído principalmente por livros, revistas, publicações em periódicos, internet, teses dissertações etc. E, “tem por objetivo colocar o pesquisador em contato direto com o material já escrito sobre o assunto da pesquisa” (Ibidem, p.68).

O processo de investigação nos permitirá analisar os materiais escritos que abordem temas sobre o prazer ou desprazer dos educandos pela escola, pelas metodologias de ensino, pela prática docente, sobre a afetividade e sobre as relações afetivas na escola, bem como, sobre as competências e o comprometimento político-pedagógico dos educadores e do gestor da escola entre outros.

A pesquisa em questão pode ser considerada de grande relevância na medida em que visa levantar uma discussão sobre o que leva os alunos a se desencantarem com a escola, já que desde a primeira infância eles nutrem grande expectativa por entrar na escola. Por isso entendemos ser relevante:

Necessitamos construir um sistema educativo que supere a clássica contraposição entre razão e emoção, cognição e afetividade, e que rompa com a concepção – por nós tão conhecida, que atribui ao desenvolvimento do intelecto, dos aspectos cognitivos e racionais, um lugar de destaque na educação, relegando aos aspectos emocionais e afetivos de nossa vida a um segundo plano. Assim é que a educação tradicional e os currículos escolares, ao trabalharem de maneira puramente cognitiva a matemática, a língua, as ciências, a história etc, acabam por priorizar apenas um desses aspectos constituintes do psiquismo humano, em detrimento do outro, ou dos outros.” (ARANTES, 2002, p. 54).

Uma das possibilidades de reencantar os alunos com a escola passa a nosso ver pela a possibilidade de desenvolver a afetividade que potencializa o ensino e aprendizagem. Isso, resgatando o componente lúdico que há no trabalho com projetos e que propicia um ensino voltado para a ação, a pesquisa, a vivência de experiências reais. Promovendo a interação entre o aluno e os fenômenos do mundo físico, através da experimentação, da manipulação e construção do objeto de conhecimento.

Os professores são, efetivamente, os agentes responsáveis por desenvolver processos de ensino e de aprendizagem que respondam às expectativas da sociedade. Eles precisam estar preparados para assumir práticas de ensino voltadas para a formação de competências e desenvolvimento de habilidades e de valores

que vão além da tradicional prática de ensino baseada em disciplinas e conteúdos. Segundo Moura, 1993 nos colocam que os estudantes jovens não deveriam ser estragados pela abstração prematura, mas deveriam ser familiarizados com situações vivas, concretas e experimentos, antes de trabalharem com elas usando métodos baseados em puro raciocínio.

A metodologia de projetos permite ao professor orientar o aluno, criar condições para que ele construa seu conhecimento novo através de pesquisas, debates, relatórios, exercícios, confecção de seus materiais e até mesmo de produtos gerados a partir de sua aprendizagem. Assim, o aluno deve percorrer nessa construção, um caminho pessoal que permite levá-lo à formação da consciência e à análise dos processos causais que sustentam a vida afetiva. A valorização de trabalhos práticos, que possam ser realizados através de atividades de construção pelos próprios alunos, presente na metodologia de projetos, poderá significar um modo eficaz de se realizar o processo de ensino e aprendizagem em que estejam juntos aos elementos cognitivos e os elementos de afetividade e ludicidade desejado.

CAPÍTULO I

GESTOR ESCOLAR E GESTÃO EDUCACIONAL NA ESCOLA

1.1 O papel do Gestor Escolar e da Gestão Educacional na escola

O papel do gestor escolar não é somente cumprir e fazer cumprir as leis e regulamentos, as decisões, os prazos para o desenvolvimento dos trabalhos e orientar a seus subordinados as estratégias a serem adotadas no desenvolvimento desses trabalhos. Em um processo de gestão democrática o gestor precisa ser democrático, propor, discutir, opinar, sugerir medidas que visem o aprimoramento dos trabalhos escolares. O sucesso de sua instituição depende do seu exercício de liderança democrática tanto nos aspectos administrativos, pedagógicos e relacionais visando à valorização e desenvolvimento de todos na escola.

O gestor escolar deve agir como líder, pensando no progresso de todos que fazem parte de sua equipe. Se o gestor for um líder será capaz de desenvolver o potencial de trabalho de toda sua equipe, fazendo que se sinta capaz de transformar e realizar com sucesso todos os projetos desenvolvidos pela escola.

Um gestor que se queira competente, para conduzir sua equipe precisa ter um propósito a ser concretizado e estratégias de ação para garantir a consecução dos objetivos traçados. Esse é o ponto de partida para que as ações da equipe escolar sejam bem sucedidas e, quando uma de suas estratégias falha, o gestor educacional incentiva sua equipe a descobrir o que é necessário fazer para dar um passo à diante.

O gestor escolar precisa ter consciência de que sua equipe não se limita a alunos, professores e demais funcionários da escola. Esta equipe escolar é composta, também, pelos pais dos alunos e por toda a comunidade escolar, que precisa ser mobilizada para que juntos possam promover o principal objetivo de toda a equipe escolar que é a aprendizagem dos alunos. A escola que viabiliza o sucesso escolar de seus alunos tem ai um grande fator de propaganda, tem seu marketing próprio. Se os pais se sentem satisfeitos com o sucesso escolar de seus filhos, se empenharão mais em colaborar com o desenvolvimento das atividades escolares, projetos e até mesmo na divulgação do nome da própria escola.

Entre as várias habilidades necessárias ao gestor, uma que é de suma importância para o sucesso da instituição, é saber gerenciar conflitos. Toda instituição escolar, assim como em qualquer outra instituição, se depara com conflitos que ocorrem, vez por outra, entre os membros da equipe. Os conflitos podem ser ocasionados por fatores externos ou internos ao ambiente de trabalho, bem como, em função das características individuais de cada ser humano. Ao gestor cabe, ainda, acreditar no potencial que cada indivíduo possui. Ele necessita ter presente que esse potencial pode e precisa ser desenvolvido. Apostar no potencial e ouvir o que as pessoas têm a dizer é importante quando se pratica a liderança. A liderança democrática, o trabalho em equipe, as opiniões diferenciadas e o potencial individual de cada um é fundamental na construção do sucesso no coletivo da instituição.

Quando falamos em gestão escolar ou educacional, nos vem à lembrança de um modelo administrativo, no entanto, é preciso ter clareza que o processo de gestão não envolve só as questões dessa ordem envolve, principalmente, as questões pedagógicas, educativas e relacionais. Pensando, nessa direção, de imediato faz nos lembrar de expressões ou conceito como: gestão participativa, autonomia escolar, flexibilização da gestão, planejamento, currículo, aprendizagem, mas faz lembrar, também do papel do gestor principal, ou das teorias que a sustentam a gestão. Em relação ao papel do gestor e a gestão participativa Lück (2000), assim se manifesta:

Ao observar que não é possível para o diretor solucionar sozinho todos os problemas e questões relativos à sua escola, adotaram a abordagem participativa fundada no princípio de que, para a organização ter sucesso, é necessário que os diretores busquem o conhecimento específico e a experiência dos seus companheiros de trabalho (LUCK, 2000, p. 19).

Segundo Carneiro (2003), a autora acima citada afirma que as teorias da gestão escolar podem ser divididas a partir de duas bases: uma psicológica e outra social. As de base psicológica podem ser consideradas como de “modelo cognitivo” e “modelo afetivo”, enquanto que as de base social partem do “modelo de democracia” e do “modelo da consciência política”. Assim, o gestor que procurar educar para a liberdade deve oferecer, dentre outras coisas, condições para que a criança possa conquistar suas aptidões. Da mesma forma, ele poderá contribuir para

que os demais componentes da comunidade escolar também evoluam nesse sentido.

A prática de educar começa na auto-educação, na medida em que refletimos sobre nossos os hábitos, sobre nossas escolhas; quando em pleno uso de nossa consciência decidimos o que vamos fazer, como vamos fazer, quando percebemos que através de nossa vontade e empenho podemos modificar o meio e nos modificar, apreendermos uns com os outros. Assim, educandos, professores, pais e gestores podem ser educadores e ao mesmo tempo educandos. Certamente que o gestor que é um líder é e será sempre visto como um exemplo.

Com isso precisamos entender a diferença entre a Gestão Educacional e a Gestão Escolar. A primeira no âmbito macro, onde se encontra os órgãos superiores dos sistemas de ensino e as políticas públicas destinadas aos mesmos. Já na Gestão Escolar, em nível micro, encontram-se as escolas e o trabalho desenvolvido nas mesmas. Apesar desta distinção, elas implicam em uma interligação ao articularem suas ações em busca dos mesmos objetivos, isto é, a formação de qualidade para a população. Neste sentido, Krawczyk (1999) destaca:

[...] a gestão escolar não se esgota no âmbito da escola. Ela está estreitamente vinculada à gestão do sistema educativo. A instituição escolar, através de sua prática, "traduz" a norma que define uma modalidade política-institucional a ser adotada para o trabalho na escola. Essa norma- que afeta a prática escolar e, ao mesmo tempo, é afetada por ela- faz parte de uma definição política-educativa mais ampla de organização e financiamento do sistema educativo. Essa perspectiva de análise nos permite diferenciar, pelo menos, três instâncias na constituição da gestão escolar: a normativa, as relações e práticas na escola e a gestão escolar concreta. [...] Com base nessas reflexões podemos afirmar que, ao pensar a gestão escolar, estamos necessariamente erguendo uma ponte entre a gestão política, a administrativa e a pedagógica. Ou seja, a gestão escolar não começa nem termina nos estabelecimentos escolares, tanto que não se trata de unidade auto-suficiente para promover uma educação de qualidade com equidade (KRAWCZYK,1999, p.7).

A teoria ecológica é importância para o processo de Gestão Educacional, pois não se consegue fazer um processo de gestão sem ter a compreensão do micro e macro sistema, pois como seres humanos em desenvolvimento, precisamos entender como se relacionam esses elementos. Assim, o meio ambiente e a compreensão do mesmo são elementos fundamentais para desenvolvermos o processo educacional, uma vez que não somos seres isolados do meio em que

vivemos. E, este meio também está presente na escola. E muitas vezes na escola o aluno encontra um meio diferente do que vive em casa e isso trás muitos conflitos.

Esse ambiente pode ser entendido no âmbito ecológico ou psicológico e social. Ele é, sem dúvida, um ambiente em que se encontram conflitos. Assim, a escola como um ambiente ecológico também é um espaço onde os conflitos se apresentam. Esses conflitos que entram na escola gerando graves problemas para a gestão educacional, ignorar isso não é processo da gestão.

Portanto, ser gestor implica no uso da capacidade de detectar e solucionar problemas sejam eles administrativos, relacionais, isto é, conflitos entre seus membros, e os de ordem pedagógica, de aprendizagem. Ser gestor, hoje, é um desafio diário diante das dificuldades que as escolas enfrentam, sejam elas em relação aos educandos, a falta de recursos financeiros e a não valorização dos professores. Por isso, para superar essas dificuldades, o gestor necessita estar bem informado, conhecer a realidade que o cerca e identificar suas próprias limitações para conduzir os trabalhos na escola, nestas situações à inteligência intrapessoal e interpessoal serão grandes aliados. A inteligência intrapessoal e interpessoal possibilita ao gestor educacional trabalhar com a democratização da educação, promovendo ações emancipatórias e inclusivas.

O Diretor, enquanto gestor tem uma enorme responsabilidade diante da escola e da educação. Afinal é ele que vai levar a escola a cumprir com os objetivos que contribuam com a preparação do aluno na e para a vida. Para tanto, ele precisa aprender a lidar com grandes desafios na construção de um processo de ensinar e de aprender cada vez mais eficiente e mais humano. Para isso, necessita desenvolver várias características entre as quais destacamos: ser comunicativo, dinâmico, responsável, eficaz, democrático e aberto ao diálogo, pois precisa trabalhar no e com o coletivo; delegar tarefas a sua equipe; ser ético a todo instante e buscar espaços de atualização de seus professores e para si próprio, já que a escola exige de seus gestores que estejam cada vez mais aperfeiçoados.

O gestor é, por assim dizer, a alma da escola. A nosso ver pode ser a pessoa cujas capacidades, conhecimentos, habilidades, competências, liderança e sabedoria são investidas na construção de uma escola diferente. Numa escola comprometida com a aprendizagem, que tenha por meta superar as dificuldades de aprendizagem e minimizar o fracasso escolar de seus alunos; uma escola voltada

para a formação de um ser humano comprometido com a vida, em todas as suas dimensões, por isso, ético, dedicado, estudioso, responsável, sensível, afetivo; uma escola que possa reencantar seus alunos, seus professores, funcionários e a comunidade escolar, por sua índole e por sua competência.

1.2 Desenvolvimento de valores e da afetividade na escola.

Sabemos que o propósito da escola, seu compromisso social, é educar, e propiciar a aprendizagem significativa, não só, mas, principalmente, para seus alunos. Se tomarmos a idéia da escola como espaço educativo sabemos que ela pode auxiliar no processo educativo inclusive da comunidade escolar. Ela atua como agente do currículo para os alunos, portanto precisa ter um currículo que lhes garanta aprendizagem significativa e formação do cidadão. Para isso, precisa combinar perfil do aluno que deseja formar, objetivos, interesse dos alunos, estilos de aprendizagem, competências e habilidades de seus profissionais.

Assmann (2001), afirma que o processo educacional, a melhoria pedagógica e o compromisso social têm que caminhar juntos, e, que, um bom ensino por parte dos docentes não é sinônimo automático de boa aprendizagem por parte dos alunos. Ou seja, que há uma pressuposição equivocada de que uma boa pedagogia se resume num bom ensino e por conseqüência uma boa aprendizagem.

Sabemos que a escola, em geral, tem deixado muito a desejar em todos os níveis de ensino, tanto em relação ao nível das aprendizagens quanto no aspecto educativo. Para superar essas dificuldades, as escolas precisam repensar seus Projetos Político Pedagógicos, seus currículos, definir as competências e os valores necessários ao processo de formação dos alunos em processos de formação, bem como, o tipo de profissional precisa para dar conta de seu compromisso social. Apostar, nesta dimensão, é apostar num processo de gestão verdadeiramente democrática e, na formação continuada dos profissionais da educação, pois, precisamos ter um olhar mais atento para a melhoria da educação, atento a superação do fracasso do aluno na escola.

As competências são definidas como a capacidade de colocar em ação valores, habilidades e conhecimentos para o desempenho eficiente e eficaz. Os

Gestores Educacionais coletivamente busquem fornecer ferramentas, instrumentos necessários para que todos possam desenvolver capacidade.

Para Gardner (1994), os indivíduos nascem com um grande potencial de talentos não moldado pela cultura, o que começa a ocorrer por volta dos 5 anos. A educação costuma errar quando não levar em conta os potenciais de cada um. Além disso, é comum que essas aptidões sejam abafadas pelo hábito nivelador de grande parte das escolas. Preservar e estimular esse potencial, desenvolver a inteligência e a afetividade já é um grande serviço que a escola pode prestar para o aluno e, porque não para a comunidade escolar. O gestor que se comprometer e apoiar o desenvolvimento pleno dos alunos de sua escola, isto é, o desenvolvimento da inteligência e da afetividade de seus alunos, está assumindo verdadeiramente sua função.

Na perspectiva de Galvão (1975), inteligência e afetividade estão integradas. A evolução da afetividade está ligada às construções realizadas em termos da inteligência, da mesma forma que, a evolução da inteligência depende das construções afetivas. Assim, se o aluno não mantém uma boa relação afetiva com sua escola por certo se desencantará com ela.

A afetividade, com sentido abrangente, está sempre relacionada, segundo Wallon (1992), aos estados de bem-estar e mal-estar do indivíduo. Sendo assim, o que poderá levar os alunos a se desencantarem e, por vezes, afastarem da escola pode ser os resultados negativos que obtém no processo de avaliação da aprendizagem. Associando as idéias de sofrimento e de prazer que a criança pode experimentar desde a mais tenra idade com o sucesso e o fracasso escolar podemos dizer que do sucesso ou do fracasso dessa criança dependerá sua relação afetiva com a escola. É evidente que um fracasso em meio a tantas outras situações de sucesso não irá provocar um desequilíbrio em suas emoções. No entanto, quando a escola se torna símbolo do fracasso pessoal ela se torna fonte de sofrimento. O aluno, como toda e qualquer outra pessoa, tenderá a se afastar dela.

Para Gardner (1994), o ambiente educacional, chama a atenção para o fato de que, embora as escolas declarem que preparam seus alunos para a vida, a vida certamente não se limita apenas a raciocínios verbais e lógicos. Ele propõe que as escolas favoreçam o conhecimento de diversas disciplinas básicas; que encorajem seus alunos a utilizar esse conhecimento para resolver problemas e efetuar tarefas

que estejam relacionadas com a vida na comunidade a que pertence; que favoreçam o desenvolvimento de combinações intelectuais, a partir da avaliação regular do potencial de cada um. Só assim, o aluno poderá ter sucesso na escola e, por conseguinte se encantar com ela.

1.3 Sucesso na Aprendizagem - um desafio para professores e gestores das escolas

Os educadores comprometidos e responsáveis com o sucesso de seus alunos estão sempre se indagando sobre o que acontece no cotidiano escolar. Para algumas indagações são encontradas respostas outras tantas parecem que ficam no ar, como diz Vieira (2003). Questões como: por que o aluno não aprende apesar do esforço do professor? Como explicar o fracasso escolar desses alunos? Como ajudar aquele aluno que já repetiu a 1º ano várias vezes e ainda não aprendeu a ler? (VIEIRA, 2003), nos levam a pensar nas dificuldades de aprendizagem, que muitas vezes levam nossos alunos ao fracasso na escola, mas, nos faz pensar, também, no trabalho do educador, na orientação segura do gestor escolar.

Assim, se, por um lado, temos alunos com possíveis dificuldades de aprendizagem, por outro, temos um contexto escolar que precisa ser alterado. A escola precisa oferecer uma proposta mais estimulante para que a aprendizagem aconteça, uma prática pedagógica que favoreça o avanço desses alunos. Aqui cabe outra indagação: como transformar esses alunos ditos fracassados, desencantados com a escola, em alunos motivados, ativos, produtivos, com um bom rendimento escolar? Este é um desafio para a escola e de modo especial para os educadores. Estes precisam mudar suas estratégias de ação até mesmo por que:

Se aprender é sonhar com a gostosura de um mundo que se desvenda, então aprender é querer, é descobrir, é não subjugar-se ao outro, ao seu modo de pensar, ao saber do professor. Acreditar nisso e praticar isso exige despirmo-nos da pretensão que nos foi inculcada e que nós mesmos assumimos, de que ao professor cabe apenas ensinar. Aprender com os alunos é condição para que eles aprendam e para que os professores se sintam vivos. Como saberá o professor que os alunos aprenderam com ele, se ele mesmo não se sente aprendendo com os alunos, com os novos mundos que eles anunciam e descortinam, até com mais clareza, porque será o mundo de suas responsabilidades adultas? (CALLAI, 1996, p.37).

Assim, para que o aluno aprenda precisa se envolver com a aprendizagem, e sentir que seu professor, também, está envolvido. Ele precisa ver sentido no que aprende na escola, por isso os conteúdos devem fazer parte da sua vivência, do seu cotidiano, de sua realidade. Deve haver uma ligação direta entre o que a escola propõe e a realidade do aluno, caso contrário, não terá significado algum. A esse respeito Freire (1990, p.8) assim se expressa: “aprender [...] é, antes de mais nada, aprender a ler o mundo, compreender o seu contexto, não numa manipulação mecânica de palavras, mas numa relação dinâmica que vincula linguagem e realidade”.

Trabalhar com a realidade é contextualizar os conhecimentos, é fazer com que os conhecimentos tenham sentido para o aluno. Cabe ao professor aproximar os conteúdos escolares à realidade dos alunos, ou seja, sistematizar seus conteúdos de forma que o aluno compreenda, fazendo que ele perceba que os conteúdos escolares não são um "bicho de sete cabeças", pois, eles fazem parte do seu cotidiano, deixando de ser memorização de coisas sem sentido.

Carraher (2001), no livro “Na vida dez, na escola zero”, destaca que, muitas vezes, os alunos não aprendem matemática na escola, mas usam a matemática no seu dia-a-dia sem problemas. Ela analisa situações em que pessoas que pouco ou nunca freqüentaram a escola, conseguem desenvolver estratégias que os ajudem a resolver problemas matemáticos. Analisando esse fato podemos dizer que existe um contraste entre a matemática da vida e a da escola. Para solucionar esse impasse cabe ao professor aproximar as duas, ou seja, sistematizar seus conteúdos de forma que o aluno compreenda a relação que existe entre o conhecimento escolar e o que ele faz no dia a dia. Atuar para que os conteúdos escolares tenham sentido, para que o aluno aprenda, é algo que o professor necessita fazer não só na matemática, mas em todas as outras disciplinas.

No entanto, para que o professor esteja apto e preocupado em oferecer condições para que o aluno de fato aprenda, para que ele possa, como escreve Alves (1981, p.89), “criar condições para que cada indivíduo atualize todas as suas potencialidades” precisa estar atualizado e motivado. Nossos alunos tem um potencial muito grande, nós professores é que precisamos acreditar nas possibilidades de avanço desses alunos, estimulando-os, desenvolvendo-lhes o espírito de persistência, os sentimentos de confiança e auto-estima, respeitando as

diferenças individuais de cada um, enfim oferecendo ferramentas para que o mesmo amplie sua visão do mundo. E, conseqüentemente, possa participar da vida social e cidadã, da construção de uma realidade que garanta melhoria da qualidade de vida de cada um em particular e de todos na dimensão coletiva. Que desafio! Quanta responsabilidade! Fazer a diferença na história de vida dos alunos, ajudá-los a ter sucesso e, se reencantar com a escola não é algo tão fácil assim. Isso requer um intuito consciente por parte do educador no sentido de orientar um processo intencional de promoção da aprendizagem significativa na escola.

Para Davis (1991), a criança ao adentrar na escola sofre uma mudança muito grande em sua forma de pensar. Os conhecimentos que antes assimilados de modo espontâneo, na escola passam a serem explorados de forma intencional. O professor ao organizar as situações de aprendizagem assume uma intenção prévia de propiciar as condições e as experiências para o aprimoramento dos processos de pensamento e da própria capacidade de aprender. O papel do educador nesse processo é fundamental. Por isso é importante que ele esteja atualizado, que conheça as teorias do conhecimento, da aprendizagem e tenha uma posição clara e definida sobre sua prática pedagógica. No dia-a-dia de sala de aula ele precisa planejar, direcionar e avaliar a sua ação. Como ser humano que é pode cometer alguns erros, mas precisa se propor a refletir sobre eles e buscar a possibilidade de corrigi-los. E ao longo desse processo não só o aluno aprende e avança, mas o próprio professor tem a oportunidade de melhorar sua prática pedagógica.

Não existem fórmulas prontas para vencermos as dificuldades de aprendizagem de nossos alunos. Até porque essas dificuldades muitas vezes são um sintoma de que algo não vai bem e é tarefa do educador identificar o que não vai bem e ajudar o aluno a superar o problema. Mas, quando o educador pára no tempo, não se prepara, não busca uma melhor formação, quando ano após ano usa o mesmo planejamento para todas as suas turmas, não se envolve com o aluno e só se preocupa em "jogar" os conteúdos da sua disciplina, ele está empurrando seus alunos para o fracasso escolar. Mesmo o educador mais experiente precisa planejar e avaliar constantemente o seu trabalho, e, acima de tudo, ele deve ter consciência do seu papel, da sua importância como formador de opiniões e que seu trabalho não é somente um "ganha pão", mas é uma verdadeira, e bela profissão. Quando o educador está consciente de seu compromisso social de educar, ele estará no

caminho para descobrir suas próprias estratégias para vencer as dificuldades de aprendizagem de seus alunos. Mas quando todas as estratégias falham, ele pode contar com o apoio do gestor educacional que, como responsável maior pelo sucesso das ações da escola, tem o compromisso de apoiar e auxiliar seus professores, promovendo inclusive processos de formação contínua que possa minimizar situações de fracasso escolar.

1.4 Fracassos escolares e o desencanto pela escola

O fracasso escolar pode estar sempre relacionado à capacidade de domínio pelo aluno do que foi apresentado na escola como elementos a serem aprendidos. No entanto, as causas da não aprendizagem pode estar centrada no próprio aluno ou na escola, no professor. Muitas vezes o aluno não consegue ter sucesso na aprendizagem, não consegue reter o que foi ensinado por que apresenta dificuldades de aprendizagem outras porque não compreende a proposta metodológica do professor. Mas, muitas vezes o fracasso escolar de uma criança começa em função da rotulação feita pelo professor já nos primeiros dias de aula. Agindo assim, ele define apriori o destino do aluno. Por vezes, isso ocorre, de forma irreversível, não permitindo ao aluno oportunidade de superar seus problemas, selando assim, de forma prévia, um destino de fracasso destes estudantes. Quando o professor profetiza sucesso os alunos serão bem-sucedidos, no entanto, quando define que este ou aquele aluno não tem condições profetiza seu fracasso. E, muitas vezes as profecias se concretizam.

Para que os alunos tenham sucesso na escola esta precisa assumir de forma radical seu compromisso social. Isto é, precisa garantir a aprendizagem de seus alunos, pois,

O grande drama da educação brasileira é manter índices estáveis alarmantes de fracasso escolar, em torno de 50% nos últimos anos de nossa história. E apesar disso convivemos mais ou menos pacificamente com esses mesmos índices, postura própria de uma cultura de submissão, de não autonomia, uma cultura dependente, a mesma dependência em que o povo brasileiro vem sendo mantido a nível político, econômico e cultural (GROSSI, 1992, p. 21).

Superar as condições de fracasso na escola é apostar na capacidade, no potencial de cada um. Para que os alunos tenham sucesso na escola precisamos que os professores mantenham expectativas positivas sobre as possibilidades de seus alunos, é preciso que eles apostem na capacidade de aprender destes. Certa vez, ouvi que pesquisadores avisaram professores de uma determinada escola que iriam fazer um teste de inteligência com as crianças. Em seguida, revelaram aos professores os nomes das crianças que supostamente teriam se saído melhor, porém, a lista fornecida aos professores não tinha nada haver com os resultados dos testes. No entanto, os alunos cuja expectativa dos professores era boa teriam se saído melhor na escola. Isso prova que a expectativa positiva ou negativa do professor pode influenciar no sucesso ou no fracasso dos alunos.

Entretanto,

[...] hoje, sabe-se que a questão escolar está mais ligada aos preconceitos que temos a respeito da criança e da pobreza. Procurando ver as crianças e as classes populares sob a ótica de uma matriz dialética, ver o que a criança tem de feio e bonito, viver a diversidade, com crianças diversas, com famílias diversas, desmistificando os nossos estereótipos positivistas de que existe o “bom” aluno e o professor “padrão”. Temos que ir contra esse maniqueísmo para não classificarmos os nossos alunos, não estereotipá-los, não rotulá-los. Entender como diz Sara Paín: “a quantidade de ignorância que contém o meu conhecimento e a quantidade de conhecimento que contém a minha ignorância” (GROSSI, 1992, p. 27).

Outro aspecto que pode estar vinculado ao fracasso escolar é o preconceito em relação aos alunos pobres. Ele pode acontecer anteriormente ao contato do professor com as crianças. Em função de um imaginário social já instituído o professor já espera que aquelas crianças pobres, vindas de um meio social diferente do dela rendam menos, e, que os alunos de um meio social mais elevado apresentem maiores progressos.

A visão social sobre o pobre é extremamente preconceituosa no Brasil. O preconceito está em toda a sociedade e o professor não escapa dele, pois eles têm raízes econômicas, sociais. E, o sistema educacional muitas vezes os alimenta e os reproduz. É preciso, no entanto, que o professor reconheça que a superação do fracasso escolar é uma tarefa pedagógica e lhe diz respeito.

A discussão tem que ser pedagógica, a ação precisa ser pedagógica, e a solução vem através da competência dos professores comprometidos com os interesses populares, e não através da técnica simplesmente. Luta em prol da

escolaridade para a cidadania, para que cada criancinha, cada pessoinha que passa por nós atinja melhores níveis de inserção social e produtiva. (GROSSI, 1992, p. 28).

O fracasso escolar aparece hoje entre os problemas de nosso sistema educacionais bastante estudados e discutidos. Porém, muitas vezes as discussões se perdem na busca de culpados de tal fracasso. Ora se culpa a criança, ora a família, ora uma determinada classe social, ora todo um sistema econômico, político e social. Entretanto, se a aprendizagem acontece em função do vínculo, se ela é um processo que ocorre entre subjetividades, nunca uma única pessoa pode ser considerada culpada. Conforme Alicia Fernández, 1994 nos faz lembrar que a culpa, o considerar-se culpado, em geral, está no nível imaginário e coloca que o contrário da culpa é a responsabilidade. Para ser responsável por seus atos, é necessário poder sair do lugar da culpa.

Não pretendemos expurgar os sujeitos envolvidos da responsabilidade de um fracasso escolar, na prática ele é resultado da integração de várias “forças” entre as quais: a institucional (escola), o espaço as relações (vínculos do ensinante e aprendente), a família e a sociedade em geral.

Quando falamos em fracasso, supomos que algo que deveria ser atingido. Ele é definido por um mau êxito, uma ruína. Porém, vale perguntar: mau êxito em quê? De acordo com que parâmetro? O que a nossa sociedade atual define como sucesso? Daí a necessidade de analisar o fracasso escolar de forma mais ampla, considerando-o como peça resultante de muitas variáveis.

Entre estas variáveis podemos destacar a sociedade voltada para o mercado, que busca cada vez mais o êxito profissional, a competência a qualquer custo e, a escola acaba seguindo esta mesma concepção. Assim, aqueles que não conseguem responder às exigências da instituição podem sofrer com um problema de aprendizagem. Assim, toma-se comum o surgimento em todas as instituições educativas os “alunos problemas”, as “crianças fracassadas”, disléxicas, hiper-ativas, agressivas, etc. Esses problemas tornam-se parte da identidade do aluno. Com isso, ele perde a identidade, ele passa a ser sua dificuldade, passa a ser estigmatizado. Assim ao passar pelo portão da escola, as crianças assumem o papel que lhe foi atribuído e tende a correspondê-lo. Porém, ao rotular esse aluno, não observamos em quais circunstâncias ele se apresenta tais dificuldades, nem que elas revelam uma possibilidade de mudança.

A escola que responde a sociedade do êxito em vez de educar domesticamente. Seus valores, mitos relativos à aprendizagem muitas vezes levam muitos ao fracasso. E, isto poderá levar esses alunos a se desencantarem com a escola. Ela passa a ser vista como lugar do fracasso, da não possibilidade. Como poderão gostar, amar um espaço que lhes discrimina, que lhes rotula, que os estigmatiza? Como manter o encantamento por um espaço que os nega?

Para que os alunos voltem a se reencantar pela escola a que se repensada em suas várias dimensões, especialmente nas atividades pedagógicas que os ajude a construir a autoria de pensamento, tão valorizada por Alicia Fernández, 2001. Ela define como autoria “o processo e o ato de produção de sentidos e de reconhecimento de si mesmo como protagonista ou participante de tal produção” (FERNÁNDEZ, 2001 p. 90). Este caráter informativo da educação se manifesta até mesmo nos livros didáticos, nos quais o aprendente é levado a memorizar conteúdos e não a pensá-los; não ocorrendo de fato uma aprendizagem.

Segundo Fernández a família é responsável por sua vez, também pela aprendizagem da criança, já que os pais são os primeiros ensinantes e as “atitudes destes frente às emergências de autoria do aprendente, se repetidas constantemente, irão determinar a modalidade de aprendizagem dos filhos” (FERNÁNDEZ, 2001).

Não podemos esquecer, também, que a própria instituição educativa muitas vezes contribui para o fracasso escolar quando não leva em consideração a visão de mundo do educando. As discrepâncias entre o desempenho fora e dentro da escola são significativas. Ou seja, muitas vezes os profissionais da educação não conseguem transpor o conhecimento ensinando para a realidade aluno. Isso pode ser exemplificado no livro: “Na vida dez, na escola zero” que trata do ensino da matemática. Na escola os alunos vão mal, porém em situações naturais, cotidianas, e que necessitam de um raciocínio matemático eles vão muito bem.

Outra questão referente à escola é que esta, ao valorizar a inteligência, se esquece da interferência afetiva na não aprendizagem. O sujeito pode estar em dificuldades de aprendizagem por ter ligado este fato a uma situação de desprazer. Esta situação pode estar ligada a algum acontecimento escolar. Claparède diz que a escola pode provocar na criança conflitos que influenciarão seu gosto pelo aprender. E, por assim dizer desencantar-se com a escola.

Ao falarmos de fracasso escolar, além de tentarmos analisar os fatores que contribuem para seu surgimento, é necessário ter presente a aprendizagem. Ela é um processo vincular, ou seja, que se dá no vínculo entre aquele que ensina - o professor- e aquele que aprende – o aluno. Ocorre entre subjetividades. Para aprender, o ser humano faz uso, coloca em interação seu organismo herdado, seu corpo e sua inteligência. A aprendizagem tem um caráter subjetivo, pois o aprender implica em desejo que deve ser reconhecido pelo aprendente. (FERNÁNDEZ, 2001).

Aprender passa pela observação do objeto, pela ação sobre ele, pelo desejo de saber. A aprendizagem é a articulação entre saber, conhecimento e informação. O conhecimento é o resultado de uma construção do sujeito na interação com os objetos, enquanto que o saber é a apropriação desses conhecimentos pelo sujeito de forma particular, própria dele, pois implica no inconsciente (PIAGET, 1984).

A aprendizagem é, pois, uma construção singular que o sujeito vai fazendo a partir de seu saber e assim ele vai transformando as informações em conhecimento, deixando sua marca como autor e vivenciando a alegria que acompanha a aprendizagem. Nessa direção, este processo difere bastante do fracasso escolar que pode evidenciar uma falha nesta relação vincular ensinante-aprendente. Fernández (2001) diferencia fracasso escolar, problema de aprendizagem e deficiência mental. (FERNÁNDEZ, 1994). No entanto, os problemas de aprendizagem pode ser um sintoma de outros conflitos ou ainda uma inibição cognitiva.

Expressividade e emoção são categorias significativas na conjuntura educacional em que vivemos. Cada vez mais, os educadores se deparam com problemas e dúvidas ligadas à expressão e emoção dos educandos. Por vezes, na análise do fracasso escolar e, das dificuldades na aprendizagem costumamos atribuir as causas a problemas relacionados aos laços de afetividade que o aluno constrói no ambiente familiar e escolar. Embora tenhamos um veredicto, muitas vezes, nós educadores e pais não estamos preparados e não sabemos interpretar as relações e movimentos das crianças e auxiliá-las no processo de desenvolvimento da inteligência e aprendizagem.

Achamos bem procedente as afirmações da pedagoga Isabel Galvão quando declara que a interação social, aprendizagem e desenvolvimento são termos

indissociáveis e que, a aprendizagem de hábitos, valores e conceitos dependem da inserção do sujeito com uma determinada cultura. Nessa concepção, compreendemos que é na relação que os indivíduos se desenvolvem entre si e, que a criança vai construindo sua personalidade baseada em suas relações com a família, escola e sociedade. Também, Wallon (1992), assinala que o nascimento da afetividade é anterior a inteligência, garantindo a relação da criança com o meio. Assim, cabe-nos questionar: Onde está a falha da afetividade? Como podemos superar as falhas da afetividade nos diversos estágios cognitivos das crianças? Por que as crianças atualmente apresentam tantos problemas emocionais na sala de aula?

CAPÍTULO II

AS RELAÇÕES AFETIVAS NA ESCOLA COMO FATOR DE ENCANTAMENTO OU DE DESENCANTAMENTO PELA ESCOLA

2.1 As relações afetivas na escola

Optamos por observar nos alunos a questão afetiva como fator de encantamento ou de desencantamento pela escola, pois, muitas vezes, eles são oriundos de famílias em que esta questão não é considerada possivelmente por falta de tempo ou até mesmo por desconhecimento de sua importância na formação do ser humano. Isso ocorre, na maioria das vezes, com as famílias de situação econômica de nível médio e/ou de nível baixo, sendo que os mesmos vem então à escola em busca de que os professores lhe de um pouco de carinho e afetividade.

Outra questão que nos chama a atenção é a socialização das crianças pequenas em contato com as maiores. Elas interagem de forma afetiva, cooperativa e integrada.

Notamos, também, que ao adentrar na escola os alunos tem somente encantos com a ela. Isso porque, nesse período, a mesma proporciona-lhes atividades variadas em salas ambientes. Nessas salas aluno e professor não se cansam, as aulas se tornam motivadas, diferentes e acima de tudo uma aula em que o aluno por menor que seja tem voz e vez.

Para nós educadores resta um desafio: trabalhar e dar mais ênfase aos aspectos da emoção expressos nas suas atitudes em sala de aula; estimular laços afetivos que levam os educandos a superar seus conflitos e assim, proporcionar o desenvolvimento de suas habilidades e potencialidades. Nesse processo deve-se também, comprometer mais a família e a sociedade, para que resgatem seus papéis de agentes acolhedores e educadores e, nessa integração possamos assim, formar “verdadeiros seres humanos”.

Isto ocorre, segundo Tiba (2007)

Quando a escola, o pai e a mãe usam a mesma linguagem e tem valores semelhantes, os dois principais contextos da criança, a família e a escola, demonstram uma segurança e coerência extremamente favorável ao seu

desenvolvimento. Ao mesmo tempo, a escola assume para a criança um lugar de aliada, como mais uma interessada em seu bem-estar. Quando há conflitos entre família e escola, as crianças tendem a acompanhar quem mais lhes agrada, e os adolescentes em geral tentam tirar vantagens pessoais. Assim, quando os pais não concordam com a postura da escola, é diretamente com ela que devem resolver as discordâncias. Desse modo, a criança não se apoiará nos pais para se insurgir contra a escola (TIBA, 2007, p.190).

Concordamos com o autor, supracitado, a escola e a família precisam aliar-se para educar a criança em sua plenitude. Da coerência nas ações dessas duas instituições resultará o amor e o respeito não só pela escola como também pelo professor e pela família, enfim pelas pessoas, pela humanidade. Os pais precisam ensinar a seus filhos o respeito que desejam para si. Portanto, pai que educa ensina seu filho a respeitar a escola e o professor e, em agindo assim, captará o respeito para si e para com as outras pessoas.

A escola pelo menos nos primeiros anos de escolarização é um local repleto de fantasias. Nela educandos, educadores, gestores, pais, e outros segmentos sociais que acreditam em sua importância na construção, reconstrução e na organização de uma sociedade que se quer mais humana e mais justa, atuam para concretizar esse sonho. Até mesmo porque é na escola que muitos educandos encontram “sua família”, é entre amigos, colegas e profissionais da educação que eles encontram o espaço de acolhimento e de afetividade que todo ser humano necessita. A escola é o referencial de segurança e esperança para muitas pessoas.

2.2 A Escola como fator de desencantamento

A escola busca transformações, faz suas tentativas, mas ainda engatinha ao tentar tornar-se mais apta a suprir as necessidades e expectativas dos alunos nesse século. A escola tenta trabalhar com método menos ultrapassados, usa mais o diálogo e os sistemas de avaliação, tomam-se mais flexíveis, menos medidores embora mantendo a valorização do quantitativo (TIBA, 2002, p. 25).

Ao refletir sobre o que me levou a pensar nessa pesquisa passo a pensar nos problemas concentrados em escolas estaduais. Elas são lugares que, em geral, tem um grande número de alunos, são lugares onde há maior desencanto tanto por parte dos professores como por parte dos alunos.

Por parte dos professores esse desencanto se dá porque a escola está situada numa sociedade bastante desestruturada em termos de valores, exemplo disso, são as constantes notícias sobre agressões e violências sofridas por professores e efetuadas por alunos ou por seus familiares; a falta de reconhecimento de seu trabalho tanto por parte das políticas públicas quanto pela da sociedade, em geral, em relação a importância de seu trabalho. Exemplo disso é a política salarial a que estão submetidos; temos muitos professores sem identidade pessoal e profissional, com fraca formação cultural, com poucas habilidades e competências para dar conta de tamanha responsabilidade, como a de ensinar de forma a garantir que o aluno aprenda; temos objetivos definidos apriori sem um bom diagnóstico da turma, com a qual iremos trabalhar; e, ainda temos escola sem um projeto político pedagógico definido ou mal estruturado. Tudo isso leva muitos professores a se desencantarem com a profissão. Se o professor se desencanta com o que faz, qual a consequência para quem é fruto desse trabalho?

Por parte dos alunos o desencanto pode ter origem no fracasso escolar, anteriormente explicitado. No entanto, os anos iniciais é a faixa de escolaridade em que o encantamento aflora com mais intensidade. Atribuimos este encantamento ao potencial próprio que a criança tem nessa idade de descoberta da escola e, também aos professores das turmas que ainda buscam mais o lúdico, as dinâmicas, as aulas desafiadoras e motivadoras. O aspecto afetividade é muito forte e a turma é abraçada pelo professor. Isso faz com que o ensino seja prazeroso e o aluno se sinta mais motivado a estar na escola.

Em uma época de muitas mudanças como a que vivemos há necessidade de resignificação e redescoberta do papel dos docentes como sujeitos de transformação até mesmo para que seus alunos tenham sucesso e/ou para que venham a ser reconhecidos pela sociedade. É urgente que isto ocorra, pois precisamos garantir uma prática estruturada na singularidade dos sujeitos, nos desejos, nas diferenças, no seio de cada grupo e entre eles. No trato com o ensino dos anos iniciais “[...] cabe aproveitar as diferentes experiências dos alunos, isto é, o mundo da vida deles, pois antes de ingressarem na escola já fazem parte de uma família, cultura, sociedade, com suas organizações diversas” (CALLAI, 1996, p. 25).

A performance dos professores dos anos iniciais pode ser uma alternativa aos demais professores na tentativa de ajudar os alunos desencantados a se reencantarem com a escola.

Alimentamos a pretensão de os professores venham assumir a postura de intelectuais críticos sendo capazes de criar condições políticas, científicas e pedagógicas para a verdadeira democratização dos nossos espaços escolares, pelo exercício teórico-prático e criação de formas alternativas de trabalhos pedagógicos mais inventivos e criativos que venham a motivar, a reencantar os alunos com a escola. Isto posto, faz-se necessário que os professores venham explicitar as contradições, trabalhar os conflitos, as diferenças, com o objetivo de contribuir no estabelecimento de relações de trabalho mais reflexivas, dialogais e que contemplem as demandas existentes na busca pela escola que queremos e necessitamos.

Assim, para que o educador se assuma como sujeito capaz de criar formas próprias de conhecimento, temos procurado enfatizar a importância das produções próprias dos educadores, no interior das escolas. Identificando-se com os interesses coletivos, podem buscar a “mobilização para o estudo”, que desperta, no coletivo dos sujeitos, os propósitos de ações que viabilizem a ampliação das políticas sociais, dos princípios e dos conceitos subjacentes as nossas práticas enquanto educadores. Ações coletivas que levem a todos professores, gestores, alunos a se envolverem seriamente com a escola.

Acreditamos que a escola existe para o aluno, porque temos alunos, sendo assim, vemos a necessidade premente de resignificarmos o papel da escola para que esta se tome a escola que queremos. Uma escola comprometida com o processo de construção do conhecimento. Comprometida com as relações sociais e afetivas que se apresentam os alunos e professores, que de uma forma ou de outra se fazem presentes na prática pedagógica.

Através das relações afetivas os sujeitos interagem um com o outro, buscando a construção de sua própria identidade. Isto pressupõe liberdade e autonomia e, representa o elo de ligação com a solidariedade. Ela é como um dos caminhos que dispomos para que a humanidade possa efetivamente tornar-se humanidade.

Segundo Piaget (1984), o conhecimento do mundo (da realidade), que a criança desenvolve não é uma cópia do mundo “objetivo”. Cada indivíduo, ao longo do seu desenvolvimento, constrói o conhecimento como uma estreita aproximação ao que chamamos de realidade.

Na escola a relação professor-aluno precisa ocorrer num clima "permissível" em que esse possa sentir nas atitudes do professor a presença da aceitação, do respeito e do amor. O aluno deve sentir que o professor é uma pessoa, que se relaciona com ele, sem ameaçá-lo, e que pode ajudá-lo a clarificar seus sentimentos, emoções, ao mesmo tempo em que o ajuda a alcançar o domínio de conteúdos.

Cabe lembrar que após a formação acadêmica, o professor chega à escola e assume um papel diferente, não mais o de aluno. Passa ele, então, a enfrentar um grande desafio. Percebe uma distância entre o discurso e a prática. Se bem entendo, isso acontece pelas limitações da ação docente no âmbito da escola e pelos desafios desta nova fase de aprendizagem que então começa para o professor. A aprendizagem é constante e o aprendido é sempre ponto de partida para novas aprendizagens, embora nem todos acreditem nessa continuidade das práticas, necessárias para que a teoria se reformule e consolide. A aprendizagem na escola não acontece só com os alunos, também os professores aprendem, como cidadãos e como profissionais da educação. Isso precisa estar claro para nós. Se for continua nossa aprendizagem, fruto da integração de grupo e se entendermos como isso ocorre conosco poderemos perceber melhor como ela acontece com nossos alunos (CALLAI, 1996, p. 107).

O amor é o sentimento que significa que o outro entra numa relação como um mediador não como um dominador. A pessoa necessita sentir-se amada, pois o amor é a força que coloca o ser do outro ao lado do ser que somos, que transforma a conversa em diálogo e que cria um espaço e tempo para o outro possa ser.

O amor na relação professor-aluno (pessoa-pessoa) não existe para dominar e cativar o aluno, para que ele apenas sinta-se querido. Mas tem uma amplitude maior porque é libertação, na medida em que ajuda o outro a crescer e a apropriar-se com segurança de suas características individuais, respeitando-o no ritmo de sua aprendizagem e na constituição de sua própria identidade.

A construção da identidade profissional própria não é estranha a função social da profissão, ao estatuto da profissão e do profissional, à cultura do grupo de profissional e ao contexto sócio-político em que se desenvolva a identidade vai sendo desenhada não só a partir do enquadramento intraprofissional, mas também com o contributo das interações que se vão estabelecendo nas relações entre o processo de formação profissional e o

processo mais global de formação pessoal. Só uma história de vida permite captar o modo como cada pessoa mobiliza seus conhecimentos, os seus valores, as suas energias, para ir dando forma à sua identidade, num diálogo com seus contextos (MOTTA, 1992, p. 16).

A escola como mediadora do processo educativo e de formação humana, deve primar por constituir-se como "mola propulsora" das relações humanas, num momento em que os meios de comunicações e tecnologia estão organizando-se para enfrentar as inovações e avanços do mundo atual. Em consequência disso acreditamos que as relações afetivas deverão cada vez mais ser trabalhada no contexto escolar, para que com isso possamos proporcionar aos sujeitos a constituírem-se integralmente, em equilíbrio. E assim tornarem-se sujeitos plenos, capazes de serem mais felizes e integrados a uma sociedade onde o amor e a solidariedade se solidificam para a construção de um mundo mais humano e fraterno.

Segundo Morais (1991), educar, também é estar com o outro, e, a sala de aula deve ser este espaço, que da possibilidade do afloramento de um bem-querer, que dá sentido a um conteúdo, seja ele qual for. Assim, uma aula acaba sendo um encontro de gente com gente. Mas é importante não reduzir a sala de aula como o único espaço ou tempo em que a aprendizagem do humano afloraria de modo límpido e sereno, pois aprendizagem é um processo que se desenvolve do início ao fim de nossas vidas, também independentemente da sala de aula.

Hoje requer-se dos educadores (técnicos, gestores e docentes) uma nova postura diante do processo ensinar e de aprender e da educação em geral. A escola terá de mudar para reencantar, estimular e preparar o aluno para viver nesse mundo futuro tão complexo e tão incerto

2.3 Encontros e desencontros de ser professor

Para que os alunos de reencante pela escola precisaram repensar, questionar o papel, as funções e as competências do professor. Qual a diferença em ser "um professor" e ser "o professor"? Esta é uma pergunta um pouco estranha - mas que nos leva a longas reflexões.

Hoje em qualquer debate escolar, deparamo-nos com um questionamento que movido pela mudança na base educacional, nos faz pensar na escola que

temos e na escola que queremos. Por isso, o questionamento inicial. Como professor que acompanha as rápidas mudanças que ocorrem na área da educação e não tão somente nela, não podemos mais nos permitir ser “um professor” que simplesmente transmite conhecimento, como um saber bancário. Necessitamos ser sim, “o professor” que permite compartilhar o saber com o saber dos alunos, pois, desta forma, apreende a sua realidade, bem como, seu cotidiano. Assim, desenvolvemos a criticidade e possibilitamos o desenvolvimento pleno de nossos alunos como cidadão.

Não pretendemos aqui criticar a forma bancária de educação, embora isso seja, até mesmo, necessário, mas sim, levantar elementos que alguns professores utilizam nas salas de aula, alicerçados em fatores tais como: não aceitação de novos métodos de ensino; não se permite utilizar livros didáticos; autoridade máxima – de saber e de disciplina – está absolutamente em sua mão, dentro da sala de aula; utiliza incansavelmente a arrumação da sala, um atrás do outro, não percebe que é para a nuca do colega que ele olha e não pra ele; não permite interrupção em sua aula; sua aula resume-se em cópias sem fim no quadro negro e dos textos que já estão no livro.

Mas o que propomos não é listar as rotinas de um professor que se utiliza de um ensino bancário e sim, o fazer do professor que transforma o cotidiano da sua comunidade escolar e social.

Hoje, não se permite falar em educação separada do cotidiano desta ampla comunidade. É essa relação que faz a diferença. Gostaríamos de trazer como exemplo um relato de Paulo Freire que ilustra bem esta colocação quando fala sobre uma determinada reunião de professores e que em uma das salas havia uma exposição de fotos da comunidade escolar e do bairro. Diz Freire (1996):

Um pouco atrás de mim dois professores faziam comentários em tomo do que lhes tocava mais de perto. De repente, um deles afirmou: “Há dez anos ensino nesta escola. Jamais conheci nada de sua redondeza além das ruas que lhe dão acesso. Agora, ao ver esta exposição de fotografias que nos revelam um pouco de seu contexto, me convenço de quão precária deve ter sido a minha tarefa formadora durante todos estes anos”. Como ensinar, como formar sem estar aberto ao contorno geográfico, social, dos educandos? (FREIRE, 1996, p. 54).

O professor formador permite-se “olhar” e, a partir dele compreender a realidade em que estão inseridos seus alunos. Assim, o professor liberta-se da

educação bancária indo muito mais além com o aluno. Com isso, nasce à formação crítica, a cidadania, aí descobrimos que o desencanto de um professor é o de perceber no final do ano letivo que nada ou quase nada avançou em produção de conhecimento, pois só reproduziu o já conhecido. Que o encanto do professor está na ética, no compartilhar, no diálogo, na construção do conhecimento em que todos se permitem compartilhar seus conhecimentos, na transformação que nasce a partir da relação de confiança que consolida a relação educador, educando e comunidade escolar.

Os professores são heróis anônimos, fazem um trabalho clandestino. Eles semeiam onde ninguém vê, nos bastidores da mente. Aqueles que colhem os frutos dessas sementes raramente se lembram da sua origem, do labor dos que plantaram. Ser mestre é exercer um dos mais dignos papéis intelectuais da sociedade, embora um dos menos reconhecidos. Os alunos que não conseguem avaliar a importância dos seus mestres na construção da inteligência nunca conseguirão ser mestres na sinuosa arte de viver. (CURY, 2006, p. 133).

O professor da nova proposta pedagógica deve proporcionar o encanto do aprender. Evoluindo e sendo transformador, pois professores comprometidos promovem a autonomia do aluno, forma o cidadão futuro.

Podemos perceber a desvinculação das histórias de vida dos alunos já desde os anos iniciais, uma separação da realidade que acontece desde que iniciam os primeiros contatos com a escola e, principalmente, com a leitura e a escrita criando-se na maioria das vezes uma didática morta, fria, insignificante para eles.

O que precisamos é de uma atividade pedagógica consistente e principalmente nutrida pelo afeto. Sem amor e sem afeto a escola é uma estranha e ninguém de sã consciência pode ser feliz se não se relaciona plenamente com o outro. Para ser feliz e manter-se motivado com o que faz é necessário ter presente as idéias de Piaget (2008), apresentadas por

E incontestável que o afeto desempenha um papel essencial funcionamento da inteligência. Sem afeto não havia interesse, nem necessidade, nem motivação, e conseqüentemente, perguntas ou problemas nunca seriam colocados e não haveria inteligência. A afetividade é uma condição necessária na constituição da inteligência, mas, em minha opinião, não é suficiente (PIAGET, 2008, p. 56).

Na escola é o diretor quem deve criar um clima de aconchego, amizade, amor pelo estudo, incentivo à renovação, à mudança, à experimentação de novas práticas

e métodos. Nem sempre o diretor consegue fazer isso, pois está sempre atolado em papéis, pois em geral assume essa função sem preparação teórica e prática administrativa nas escolas onde há tantos problemas e carências. Ou ainda professores que não aceita estas inovações e mudanças.

Ser diretor nos dias atuais é um grande desafio, uma tarefa para os educadores compromissados e ao mesmo tempo uma função humana gratificante, mas terrível e difícil, conforme as condições em que ocorre.

CAPÍTULO III

A INFLUÊNCIA DA AFETIVIDADE NA AUTOESTIMA

3.1 A influência da afetividade na autoestima

O afeto é o princípio norteador da auto-estima. O vínculo é um meio, e uma conquista significativa, para se conseguir proporcionar à aprendizagem, a motivação, a disciplina, o autocontrole e o bem estar do adolescente.

O aspecto afetivo tem um aprofunda influência sobre o desenvolvimento intelectual. E ele pode acelerar ou diminuir o ritmo de desenvolvimento. Ele pode determinar conteúdos e a atividade intelectual se concentrará. Afeto inclui sentimentos, interesses, desejos, tendências, calores e emoções em geral.

Segundo Piaget (1987), o afeto apresenta várias dimensões, incluindo os sentimentos subjetivos (amor, raiva, depressão) e aspectos expressivos (sorrisos, gritos, lágrimas). Na sua visão, o afeto se desenvolve no mesmo sentido que a cognição ou inteligência, e é responsável pela ativação da atividade intelectual. Com suas capacidades afetivas e cognitivas expandidas através da continua construção, as crianças tornam-se capazes de investir afeto e ter sentimentos validados por elas mesmas.

Nesse aspecto, a auto-estima mantém uma estreita relação com a motivação ou interesse da criança para aprender.

Piaget (1980, p. 103) nos diz:

[...] a afetividade constitui a energética das condutas, cujo aspecto cognitivo se refere apenas às estruturas. Não existe, portanto, nenhuma conduta, por mais intelectual que seja, que não comporte, na qualidade de móveis, fatores afetivos; mas, reciprocamente, não poderia haver estados afetivos sem a intervenção de percepções ou compreensão, que constituem a estrutura cognitiva. A conduta é, portanto, uma, mesmo que, reciprocamente, esta não tome aquelas em consideração: os dois aspectos afetivos e cognitivos são, ao mesmo tempo, inseparáveis e irredutíveis

Se os pais estão sempre opinando a partir de uma perspectiva negativa para os filhos, e se estão sempre os taxando de inúteis e incapazes, ou usando de zombarias e ironias, irá se formando neles uma imagem "pequena" de seu valor. E

se com os amigos, na rua e na escola, repetem-se as mesmas relações, teremos uma pessoa com auto-estima baixa, e baixo sentimento de auto-avaliação. Na escola o insucesso, a reprovação, a crítica excessiva pode ser fator de agravamento da autoestima.

Sem autoestima, dificilmente o adolescente enfrentará seus aspectos mais desfavoráveis e as eventuais manifestações externas. Já com autoconceito positivo parece mais ativa; tem facilidade em fazer amigos, tem senso de humor, participa de discussões e projetos, enfrenta melhor com o erro, sente orgulho por contribuir e é feliz, confiante, alegre e afetiva.

Neste sentido, os sentimentos devem ser tão bem demonstrados quanto são ensinados Este é o segredo para um bom começo de vida. Ensinar a criança a enfrentar a vida. O orgulho, quando não é excessivo, contribui para o desenvolvimento da autoestima a escola precisa estimular o aluno a ter orgulho de si, de seu grupo de iguais, da comunidade onde vive. O orgulho da escola, de sua turma, de si, sem excesso, também, é fator de encantamento pela escola.

Convém lembrar que a autoestima mantém uma estreita relação com a motivação ou o interesse da criança, indispensáveis à aprendizagem.

[...] aos interesses ou valores relativos à própria atividade, estão ligados de perto sentimentos de autovalorização: os famosos sentimentos de inferioridade ou de superioridade. Todos os sucessos ou fracassos da atividade se registram em uma espécie de escala permanente de valores, os primeiros, elevando as pretensões do sujeito e os segundos abaixando-as com respeito às ações futuras. Daí resulta um julgamento de si mesmo para o qual o indivíduo é conduzido pouco a pouco e que pode ter grandes repercussões sobre todo o desenvolvimento (PIAGET, 1984, p.39).

Considerando a relação entre autoestima e motivação cabe a escola, aos professores e aos gestores das instituições escolares zelar para que seus alunos elevem sua auto-estima e se mantenham motivados pelas atividade escolar. Assim, permanecerão encantados ou, se for o caso, voltarão a se reencantar com a escola.

3.2 O vínculo afetivo e autoestima na escola

Segundo a Revista do Professor (1999) é de grande importância o vínculo afetivo na interação professor - aluno, pois é por este vínculo que facilitaremos o

processo ensinar e de aprender, pois se a criança se sentir segura terá facilitado seu aprendizado.

Com um clima de prazer, acolhimento, alegria, companheirismo e lúdico a criança sente-se valorizada e aprende melhor, ou seja, prazerosamente o conteúdo será apresentado, as dificuldades serão percebidas e acolhidas como parte do processo. Assim, despertando o desejo vamos auxiliando o aluno na superação das dificuldades.

A esse respeito Freire (1992), escreveu:

[...] O ato de aprender e o ato de ensinar na instituição estão engatados com o desejo. Não aprendemos senão temos acesa, uma chama mediana ou mesmo reduzida do desejo. E, nesse processo, é necessária a ação do educador, para que instrumentalize, dê forças, apoie a busca que emerge e nasce com o desejo docente de ensinar e com o desejo docente de aprender (FREIRE, 1992, p. 09).

O desejo é a mola propulsora do aprender. E, ele só se faz presente no aprendente quando este tem uma boa auto-estima. Se este não tem fé em si mesmo, se julga inferior aos outros, não se interessará, não terá motivação para aprender, pois, de antemão, acha que vai fracassar. Nesse sentido é notória a influência do professor para que boas ou más relações sejam estabelecidas com o conhecimento. Muitas crianças e adolescentes rejeitam dominar determinadas disciplinas nas quais se sentem fracassados eventualmente em razão de um vínculo negativo estabelecido com os primeiros professores da matéria, em tempos passados. E, quando isso acontece à tendência é perpetuar a dificuldade, que por sua vez causará desconforto e baixa auto-estima, que provocará desmotivação que inibirá o desejo de aprender, virando num ciclo vicioso que por consequência provoca desinteresse, desencanto pela e na escola.

O processo Educacional é assim, antes de qualquer de qualquer coisa, o contato entre os seres humanos e, é, nesse contato, fundamental que se estabeleçam vínculos, elos positivos, para o desenvolvimento da auto-estima.

Segundo Bettelheim (1997, p. 235): “A competição em sala de aula, em especial nos primeiros anos, se dá não pelas notas em si, mas pela aprovação dos professores, em virtude de reforço da auto-estima que ela proporciona”. Sendo assim, para muitos adolescentes a escola representa uma “segunda chance”, a

oportunidade de adquirir uma auto-imagem melhor, uma visão de vida melhor do que lhes é oferecida em casa.

Um professor que projeta confiança na competência e na bondade da criança ou do adolescente pode ser um antídoto poderoso para famílias em que a confiança está ausente e que talvez transmita a perspectiva oposta.

Conforme Brandem (1996) diz:

[...] O professor que trata seus alunos com respeito pode iluminar um adolescente com dificuldades de entender relacionamentos humanos, por ter vindo de um lar que o respeito não existe. O professor que se recusa a aceitar um autoconceito negativo de um aluno e é defensor inflexível de seu potencial tem o poder – às vezes - de salvar uma vida (BRANDEM, 1996, p. 249).

Nessa perspectiva, é de suma importância analisar a relação professor X aluno e a autoestima do professor. Professores com baixa estima, não conseguem estimular a autoestima dos alunos, pois tendem a serem mais punitivos, impacientes e autoritários. Dão atenção aos pontos fracos da criança em vez de aos fortes. Inspiram o medo e atitudes defensivas. Encorajam a dependência, a visão não crítica, o conformismo. São professores que humilham que não tratam seus alunos com cortesia e respeito.

Um “bom” professor deve ter confiança no potencial da criança e convicção a respeito daquilo que ela é capaz de ser e fazer, e a capacidade de saber aflorar essa convicção em suas interações com os alunos. Ele deve mostrar a escola como espaço em que se aprende a pensar com independência, onde se estimula a autoafirmação e autonomia. O bom professor respeita a dignidade do aluno e o trata com compreensão, sem rotulá-lo, desenvolve nele a capacidade de procurar dentro de si mesmo as respostas para seus problemas, tornando-se responsável e, conseqüentemente, agente de seu próprio processo de aprendizagem. Assim, ajudá-los a ter domínio sobre os conteúdos de ensino, a desenvolver posturas investigativas, a acreditar em suas capacidades desenvolve tanto o aprendizado como a autoestima.

A adolescência é uma fase singular da vida devido à ocorrência simultânea de conjunto de mudanças evolutivas na maturação física, no ajustamento psicológico e nas relações sociais. É o período por excelência de definição da identidade, em que o indivíduo busca a si mesmo como ser individual. É um processo longo e delicado

que exige refazer os próprios passos, é um caminho cheio de dúvidas e de insegurança.

As mudanças da adolescência acarretam alterações do esquema corporal (representação mental do próprio corpo), o que nem sempre é bem entendido pelo adolescente. E, se o autoconceito se desenvolve através das apreciações de pessoas, grupos e escola a respeito de si mesmo e da assimilação de valores que constituem o ambiente social, essas relações são fundamentais para o seu equilíbrio e bem estar.

Para Erikson (1972), estabelecer identidade significa saber quem sou, criar um sentimento de unidade, ser reconhecido pelos outros, como semelhante a si mesmo e contínuo frente às experiências. Assim, de acordo com o autor, durante a adolescência o indivíduo passa pela crise de identidade e confusão de papéis. Em que, impulsionado pela revolução fisiológica, passa a questionar o que se apresenta aos olhos dos outros e o que realmente sente. Começa a colocar em cheque os papéis que lhe cabiam anteriormente com os que têm que desempenhar agora, ou seja, parte para a busca de um novo sentido de continuidade e coerência frente a sua participação especial. Em suma, começa a por em cheque que ele é, suas capacidades, suas possibilidades e isto pode interferir em sua auto-estima frente a seus pares e frente à escola. Daí a importância da escola estar preparada para entender esse momento e estimular para que vença o mais brevemente possível os sentimentos que lhes causam transtornos e baixa auto-estima.

Sabe-se que a delinquência e a dependência de drogas, muitas vezes, é uma forma de fuga do sentimento de inutilidade que sente. A escola, os professores e seus gestores precisam estar preparados para auxiliar seus alunos, nessa fase tão difícil de suas vidas, para que não se sintam sozinhos, desamparados e impotentes frente a suas próprias experiências de constituir-se pessoa, indivíduo e cidadão. Segundo Bossa e Oliveira (1998), no início da adolescência a auto-imagem é mais negativa e menos estável do que no final. Para esta tendência contribuem fatores genéticos, hormonais e ambientais. O adolescente que possui uma auto-imagem mais positiva tem uma maior participação em atividades ligadas a escola.

A escola enquanto meio social precisa compreender que a vida afetiva de seus alunos, principalmente dos adolescentes abarca estados de prazer e de desprazer, angústia, que ela pode produzir significados de agradável ou

desagradável; sentimentos de amor e de ódio, associados aos pensamentos, às fantasias, aos sonhos e se expressam de diferentes modos na conduta de cada um. Assim, a escola precisa aprender a trabalhar com os afetos, propondo atividades que estimule os afetos que podem auxiliar na construção de auto-estima positiva e evitando situações que produzam angústia, desconforto, mágoa, etc.

Os afetos ajudam-nos avaliar as situações, servem de critério de valoração positiva ou negativa para as situações de nossa vida, eles preparam nossas ações, participam ativamente da percepção que temos das situações vividas e do planejamento de nossas reações ao meio. Além disso, por estar ligada a nossa consciência eles nos permitem, por um lado, dizer ao outro o que sentimos, expressando, através da linguagem, nossas emoções, por outro, podemos por reações não condizentes esconder o que verdadeiramente sentimos. Portanto, saber trabalhar com os afetos é auxiliar os alunos superar suas dificuldade, e gostar do que fazem;

A escola precisa aprender que para que o aluno esteja motivado e com autoestima elevada precisa de vínculos fortes entre alunos e professores; alunos e seus pares; professores e professores; gestores, professores e alunos. Isso irá favorecer para que eles aprendam com satisfação, nutrindo um grande afeto pela escola, pelo professor, por seu gestor. Enfim, os vínculos afetivos, a afetividade, a superação do fracasso escolar são meios, bem interessantes, para re-encantar nossos alunos pela escola.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O papel do gestor escolar educacional no processo de encantamento ou de reencantamento do aluno pela escola: um estudo de como as relações afetivas podem contribuir com a escola foi o assunto escolhido para o desenvolvimento do trabalho da monografia. Este trabalho foi desenvolvido tendo por palco a escola de Ensino Fundamental porque é ao adentrar a esse nível de ensino que a criança desabrocha para o encantamento, para o prazer pela escola.

Reconhecemos que a família tem tarefa e características próprias e importantes na formação do sujeito. Compete à família a formação do caráter. Estamos vivendo uma era de rápidas mudanças, principalmente em virtude dos avanços tecnológicos que facilitaram em muito a vida do homem e derrubaram muitos tabus, mas, ainda, temos conflitos, medos e desejos e nossas crianças e adolescentes ainda precisam muito da assistência familiar. “Família-infeliz é aquela que permite que outros elementos ou instituições preencham espaços no lugar do prazer da troca entre seus membros”.

Para que ocorram mudanças na escola e na família não pode ser feita de um dia para outro, mas precisamos envolver toda a comunidade escolar, equipe diretiva, professores, os alunos, as famílias. É muito importante o trabalho no coletivo para a construção de uma escola democrática, solidária e empenhada em capacitar os sujeitos, para lidar com as situações do dia a dia.

É, nessa dimensão, que se insere a função e o papel do gestor escolar e educacional. O gestor escolar e educacional é para nós, aquele preocupado com as questões da escola em todas as suas dimensões. É o líder entusiasmado pela escola, que busca desenvolver o potencial de sua equipe de trabalho e de seus alunos; aquele que é capaz de gerenciar conflitos e de estimular o estabelecimento do vínculo e relações afetivas duradoras entre seus membros. Está constantemente preocupado com a dimensão administrativa, mas altamente comprometido com as questões pedagógicas e relacionais. É aquele que deve saber olhar para o futuro e perceber as tendências de mudanças, aprender a “investigar”, “analisar” e “interpretar” os novos desafios, enfrentando o novo, o desconhecido, com alguma margem de segurança.

Ao desempenhar o seu papel o gestor democrático estimula o grupo para que proponham, discutam, opinem, para que aprimorem seus trabalhos na escola. Favorece que seus professores tenham informações do quanto é importante que se estabeleçam vínculos afetivos na escola; favorece a discussão a cerca do quanto o insucesso na escola produz a desmotivação pelas atividades promovidas na escola, fazendo com que se desenvolva a autoestima negativa dos alunos.

O gestor tem um papel muito relevante no desenvolvimento da afetividade e do prazer em estar na escola, isso requer que se empenhe na busca pela superação do fracasso escolar por aparte do aluno e na preparação do professor para que isso ocorra. Ele tem que ter presente a superação do fracasso se faz apostando no paradigma da aprendizagem. Buscando ações que medeia o processo de aprender com significado. Afastando o insucesso afastamos as idéias de que a escola é lugar de sofrimento promovemos o desenvolvimento de valores e compromissos com a formação cidadã. Só assim, a escola voltará a ser espaço de alegria e de prazer, só assim manteremos nossos alunos encantados com a escola.

Aqui é importante abrir um parêntese para dizer que quando a escola se propõe como mediadora do processo educativo e de formação humana deve primar por constituir-se como "mola propulsora" das relações humanas, das relações de afetividade. Assim, a escola como instituição social responsável por aprendizagens significativas, precisa compreender que a vida afetiva de seus alunos abarca estados de prazer e de desprazer, angustia, que ela pode produzir significados de agradáveis ou desagradáveis. Sendo assim, precisa aprender a trabalhar com atividades criativas, lúdicas; de formas dialógicas para estimular os afetos e alavancar a auto-estima positiva e evitando situações que produzam angústias, desconfortos, mágoas, etc.

Para que isso ocorra é fundamental que os professores estejam cientes do seu papel de mediador de aprendizagem, mas, também de relações afetivas e do estabelecimento de vínculos. Para tanto, precisa evitar a competição entre as crianças; projetar confiança nas capacidades e nos potenciais e na bondade de seus alunos, isto é, respeitar sua dignidade.

Esse professor de quem falamos precisa de auto estima elevada, pois quando o professor tem auto-estima baixa ele passa a ser mais punitivo, impaciente,

autoritário impedindo o estabelecimento de vínculos. A recíproca é perfeita professor motivado e com auto-estima elevada aluno motivado e com autoestima elevada.

Isso, resgatando o componente lúdico que há no trabalho com projetos e que propicia um ensino voltado para a ação, a pesquisa, a vivência de experiências reais. Promovendo a interação entre o aluno e os fenômenos do mundo físico, através da experimentação, da manipulação e construção do objeto de conhecimento.

Os professores são, efetivamente, os agentes responsáveis por desenvolver processos de ensino e de aprendizagem que respondam às expectativas da sociedade. Eles precisam estar preparados para assumir práticas de ensino voltadas para a formação de competências e desenvolvimento de habilidades e de valores que vão além da tradicional prática de ensino baseada em disciplinas e conteúdos. Segundo Moura, 1993 destacam que os estudantes jovens não deveriam ser estragados pela abstração prematura, mas deveriam ser familiarizados com situações vivas, concretas e experimentos, antes de trabalharem com elas usando métodos baseados em puro raciocínio.

A metodologia de projetos pode ser uma alternativa que permite ao professor orientar o aluno, criar condições para que ele construa seu conhecimento novo através de pesquisas, debates, relatórios, exercícios, confecção de seus materiais e até mesmo de produtos gerados a partir de sua aprendizagem. Assim o aluno deve percorrer nessa construção, um caminho pessoal que permite levá-lo à formação da consciência e à análise dos processos causais que sustentam a vida afetiva. A valorização de trabalhos práticos, que possam ser realizados através de atividades de construção pelos próprios alunos, presente na metodologia de projetos, poderá significar um modo eficaz de se realizar o processo de ensino e aprendizagem em que estejam juntos aos elementos cognitivos e os elementos de afetividade e ludicidade desejado.

No presente trabalho objetivamos mostrar que não existe um único culpado pelo fracasso escolar, pelo insucesso do aluno, pelo desencantamento do aluno pela escola. Algumas vezes, o insucesso é atribuído à debilidade das capacidades intelectuais, à cultura desviante, aos problemas de aprendizagem, outras ao trabalho e a formação inadequada do professor, outras ao despreparo do gestor que não atua para elevar a qualidade da educação veiculada em sua escola, poucos pensam

que o insucesso poder relação com a falta de vínculo afetivo com a escola, com o professor, com o colega, com o gestor da escola.

Em face da criança que fracassa muitas vezes a escola e os profissionais da educação não levantam problemas como a estrutura da escola, a estrutura social e a inadequação dessa estrutura à situação real de vida da criança; que os motivos do fracasso escolar pode ser uma não-aproximação ou a falta de conhecimento sobre o aluno e sobre suas necessidades. Principalmente se estes alunos apresentarem uma realidade diferente da realidade do ensinante.

Portanto, buscar soluções para o fracasso escolar não consiste em patologizar o aprendente ou o ensinante, mas em ampliar este foco, abrindo espaço para outras variáveis que também influenciam no processo da aprendizagem como a instituição, o método de ensino, as relações ensinante-aprendente, os aspectos sócio-culturais, a afetividade, o vínculo afetivo que estabelece na escola. Nessa dimensão é que se apresenta o papel do gestor escolar como incentivador, motivador tanto das questões afetivas quanto das questões pedagógicas que podem contribuir para que o aluno não perca o encantamento pela escola e, se porventura isso tenha ocorrido que ele volte a se reencantar.

Assim, ao finalizar esse trabalho fica a convicção de que este não está literalmente acabado, portanto passível de ampliação, bem como, o desejo de saber mais.

REFERÊNCIAS

- ALVES, R. **Conversas com quem gosta de ensinar**. São Paulo. Ed. Cortez, 1981.
- _____. **A Escola que Sempre Sonhei, sem imaginar que pudesse existir**. Campinas-SP: Papirus, 2001.
- ASSMANN, Hugo. **Metáforas novas para reencantar a educação - epistemologia e didática**. Piracicaba: Unimep, 2001.
- ARANTES, Valéria Amorim. **Afetividade e Cognição: Rompendo a dicotomia na educação**. Publicado originalmente em OLIVEIRA, M. K ; TRENTO, D.; REGO, T. (org).
- _____. **Psicologia, Educação e as temáticas da vida contemporânea**. São Paulo: Moderna, 2002.
- BRANDEM, N. **Auto-estima - como aprender a gostar de si mesmo**. 33. ed. São Paulo: Saraiva, 1999.
- CALLAI, D. **As séries iniciais da escola**. Ijuí: UNIPLJÍ, 1996.
- CARNEIRO, N. P. **Gestão Educacional: Algumas Considerações**. Disponível em: http://artigos.netsaber.com.br/resumo_artigo_11760/artigo_sobre_gestao_educacional:_algumas_consideracoes. Acesso em 02/08/2211.
- CARRAHER, T. **Na vida dez, na escola zero**. São Paulo. Ed. Cortez, 2001.
- CARRAHER, T. SCHLIEMANN, A. L. CARRAHER, David. **Na vida dez, na escola zero**. 9. ed. São Paulo: Cortez, 1995.
- CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 5º edição. São Paulo: Cortez 2001.
- COELHO, A. S. B. F. **O fracasso escolar e os distúrbios de aprendizagem**. Publicado pela Associação Brasileira de Dislexia. São Paulo, 1994.

COSTA, D. A. F. **Fracasso escolar: diferença ou deficiência.** Porto Alegre: Kuaarup, 1993.

CURY, Augusto Jorge. **Os mestres dos mestres.** Rio de Janeiro: sextante, 2006.

CURY, A. **Pais brilhantes, professores fascinantes.** Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

DAVIS, C. **Psicologia na Educação.** São Paulo, Ed. Cortez, 1991.

ERIKSON, E. H. **Identidade, juventude e crise.** Rio de Janeiro: Zahar, 1972.

FERNÁNDEZ, A. **A Inteligência Aprisionada.** Abordagem Psicopedagógica Clínica da Criança e sua família. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

_____. **A mulher escondida na professora: uma feitura psicopedagógica do ser mulher, da corporeidade da aprendizagem.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

_____. **O saber em jogo.** Porto Alegre: Artmed, 2001.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler.** São Paulo, Editora Cortez: 1990.

_____. **Pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

_____. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, M. **A paixão de aprender e a paixão de ensinar: Caderno Pedagógico.** Frederico Westphalen: Pluma, 1992.

FREIRE, P e SHOR, J. **Medo e ousadia - O cotidiano do Professor,** tradução de Adriana Lopes; revisão técnica do López; revisão técnica Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

GALVÃO, Izabel. **Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

GARDNER, Howard. **Estrutura da mente: a teoria das inteligências múltiplas**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

GROSSI PILLAR E. **Paixão de Aprender**. Petrópolis: Vozes, 1992. Grossi E. P.; Bordin J. (Org). Petrópolis, RJ: Vozes, 1992.

KRAWCZYK, N. A gestão escolar: um campo minado. Análise das propostas de 11 municípios brasileiros. **Educação & Sociedade**, Campinas, v.20, n.67, 1999.

LÜCK, H. Perspectivas da gestão escolar e implicações quanto à formação de seus gestores. **Em aberto**, Brasília: INEP, v. 17, n. 72, p. 11-33, fev./jun. 2000.

MORAIS, R. (org.) **Sala de aula: que espaço é este?**. 14ª ed. São Paulo: PAPIRUS, 2001.

PIAGET, Jean. **A equilibração das estruturas cognitivas: problemas central do desenvolvimento**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976, prefácio.

PIAGET, J. **Seis estudos de Psicologia**. Rio de Janeiro: Florense universitária Ltda, 1984.

TIBA, Içami. **Quem ama, educa!** São Paulo: Integrare, 2007.

_____. **Quem ama, educa**. São Paulo: Editora Gente, 2002.

_____. **O limite na medida certa**. São Paulo: Gente, 1996.

VIEIRA, A. S. **Dificuldades de Aprendizagem: um desafio**. Disponível em: <http://www.orecado.org/2003/01/> acesso em set. de 2011.

WALLON, Henri (1975). **Psicologia e Educação da Infância**. Lisboa: Estampa.